

O LEITOR COMUM*

José E. Mindlin

Achei ótima a idéia deste Simpósio, e aceitei com prazer o convite para falar neste painel, pois a leitura é uma parte importante de minha vida, e sempre que posso procuro inocular em outros o vírus do amor aos livros.

A relação com o livro tanto pode ser inata, como cultivada. Quanto mais cedo alguém se habitua à leitura, tanto melhor – assegura um prazer permanente na vida.

O chamado leitor comum, que foi colocado como tema da palestra, pode ter os mais variados interesses: romances, poesia, aventura, biografia, história, mistérios, façanhas de detetives, ou mesmo ciência, política, ensaios, o que seja.

Não vejo bem como se classificar o leitor de comum ou incomum. Prefiro pensar no leitor, simplesmente no leitor: aquele que sente vontade de ler. Para começar, qualquer tipo de livro, porque uma vez criado o hábito, o gosto se refina. O ideal é mesmo começar na infância, onde o hábito deve ser induzido, e não imposto. Pode até ser uma boa forma de indução a proibição da leitura de certos livros na infância, pois o livro proibido atrai desde logo – fica a sugestão... Mas o interesse pela leitura se desperta principalmente pelo exemplo, e pela conversa sobre livros. Isso sem falar de um requisito básico, que é a presença dos livros numa casa. O que é fundamental para instilar o gosto pela leitura é que ela não seja uma obrigação, pois a maioria das pessoas – eu inclusive – reage às imposições.

* Palestra do Dr. José E. Mindlin no Simpósio "Usos da Leitura", promovido pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 16/08/91.

Obviamente, é mais fácil promover a leitura na infância ou na juventude, do que na idade adulta. Hoje em dia, aliás, não é fácil de um modo geral, pois a televisão absorve a maior parte do tempo vago das pessoas. É uma pena, no entanto, que a televisão venha a substituir a leitura, pois a concentração no livro desperta muito mais a imaginação e a criatividade do que a imagem fugaz, que age mais como entorpecente do que como estimulante. É verdade que a televisão desperta ambições e desejos, mas o que eu quero dizer é que tem o inconveniente de ser um prato feito, que não exige esforço de criação ou análise, ao passo que um livro pode melhor desencadear um processo mental menos efêmero.

Se o livro, mesmo antes da televisão, atingia um número limitado de pessoas, o fato é bem mais preocupante em nossos dias, mas um esforço em favor da leitura ainda pode dar bons resultados.

Creio que a maior parte das pessoas gosta de imaginar situações ideais, e de se colocar nessas situações, que é justamente o que a leitura proporciona. Por isso mesmo, o prazer da leitura deve ser proclamado por todos os meios e modos, especialmente pela assim chamada mídia, que com isso pagaria boa parte de seus pecados.

O mercado editorial brasileiro hoje oferece a possibilidade de satisfação de todos os variados interesses que de início mencionei. As tiragens ainda são restritas, e a distribuição precária, mas o número de edições não é pequeno, tanto de autores brasileiros, como de estrangeiros, que vêm sendo amplamente traduzidos. O que falta fazer, portanto, é difundir a idéia de que a leitura é uma fonte de prazer, não um encargo ou uma amolação.

Minha experiência pessoal, em matéria de leitura, é coisa de vida inteira. Comecei um pouco tarde, pois só aprendi a ler com sete anos já completos, mas procurei, e acho que consegui recuperar o tempo perdido, pois nunca parei de ler. O que não consegui nunca, mas também não me importei muito com isso, foi estabelecer uma leitura metódica, um sistema organizado, com objetivos determinados. Não me lembro bem dos anos iniciais, mas tenho clara lembrança de que os livros de leitura exigidos no curso primário e secundário, ou mesmo no curso de Direito, não foram os que mais me interessaram. Fui sempre um leitor indisciplinado, achando que o livro foi feito para a gente, e não a gente para o livro. Portanto, sempre me bastou, para pegar um livro, que ele me interessasse, sem me preocupar se era importante ou não. Com isso, naturalmente, perdi muito tempo lendo coisas sem real interesse, de que nem sequer me lembro, mas não lamento isso, pois na hora certamente senti prazer e consolidei o hábito da leitura. Aos poucos fui sendo mais seletivo, mas na realidade

não consegui nunca acompanhar a opinião de Thomas Mann, de que a leitura dos bons livros devia ser proibida, porque existem os ótimos. Em primeiro lugar, porque o conceito do ótimo é muito relativo, e depois porque há muitas razões para se ler um livro, além de sua qualidade literária intrínseca. Há livros de atualidade, há autores conhecidos, há temas que despertam interesse em dado momento, há livros que levam à leitura de outros, seja pelos assuntos, seja pelos personagens, ou pelas idéias.

É claro que há limites que não se consegue transpor. O principal é o tempo. Por mais que se leia, não se consegue ler tudo o que se deseja, e por isso mesmo uma certa seletividade se impõe. Mas cada um deve fazer sua própria seleção, ou, mesmo que siga alguma das numerosas listas de livros tidos como "os mais importantes", não deve se ater a critérios rígidos, nem se considerar culpado de grandes pecados por ocasionais desvios, passando de Machado de Assis para Asterix, ou de Shakespeare para Agatha Christie.

Não existem regras absolutas que seja imperativo obedecer. O mundo da leitura deve ser um mundo de liberdade intelectual.

Mas, mesmo assim, há livros que é pena não ler, e outros que não fazem a menor diferença. Não é à toa que os clássicos gregos e latinos chegaram até os nossos dias, e que os clássicos em geral tenham sua leitura recomendada. O que sempre procurei foi evitar os extremos – só ler os assim chamados clássicos isolaria o leitor da realidade em que vive, mas só ler os livros atuais, ignorando a herança do passado seria, a meu ver, ainda mais inconveniente.

As histórias da literatura, e a crítica literária, podem ajudar muito a bem orientar a leitura, mas sempre com a ressalva de que critérios bons para um leitor podem não servir para outro.

De menino, eu gostava de Júlio Verne, que até lia em voz alta para minha mãe, de quem retrospectivamente, depois disso, admirei muito a paciência. Confesso que pulei muitos trechos descritivos, que sempre achei cansativos, procurando ir mais diretamente aos fatos. Mas foi para mim uma leitura marcante até por volta dos doze anos. Antes disso liam-se os livros da Condessa de Ségur, os contos de Grimm e Andersen, Monteiro Lobato, Juca e Chico, Bilac e Bomfim, "O Coração" de Amicis, que também foram marcantes, além de tantos e tantos outros, alguns ainda lembrados, e outros esquecidos.

Sou do tempo da influência francesa, de modo que li muita coisa em francês antes de português, mas pelos 12 ou 13 anos, comecei a ler Herculano, a tradução de Eça das "Minas de Salomão", que depois li no

original, e que foi minha primeira leitura em inglês. Aí não parei mais: Machado de Assis, Eça, O Ateneu, e poesia, muita poesia, naquela época, principalmente, que eu me lembre, Bilac, Vicente de Carvalho, e Lamartine.

Aos 13 anos entrei numa fase para mim decisiva, quando meu irmão Henrique e eu descobrimos Shakespeare, depois de ver o "Sonho de Uma Noite de Verão" na versão cinematográfica de Max Reinhardt. Foi um deslumbramento, e uma leitura que se prolongou por anos e anos. Estou precisando, aliás, retomá-la. Mais ou menos na mesma época comecei a me interessar pela História do Brasil, o que marcou, aliás, o início da formação de minha biblioteca. Daí por diante as leituras foram intensas e variadas, mas eu diria que foi nos anos 30 que elas se revelaram mais produtivas e estimulantes, pois entrei na Faculdade de Direito em 1932, e com isso consegui 5 anos de um mínimo de 2 a 3 horas de leitura diária. Naquela época, os professores, em geral, liam, durante os 50 minutos de aula, as suas preleções, que eu lia em casa em 15. Daí eu me sentar no fundo da sala, e ficar lendo tranqüilamente, o que foi uma oportunidade excepcional. Essa experiência de leitura diária repetiu-se nos anos 40 e 50, quando levava os filhos para a escola, deixava-os lá às 7,15h, encostava o carro em baixo de uma árvore, e ficava lendo até 8,45h. Mais tarde, como advogado, andava sempre com um livro, que lia durante os julgamentos no Tribunal de Justiça, ou nos enguiços de trânsito.

Na vida empresarial leio muito no avião, e normalmente dou conta de 7 a 8 livros por mês em média. Gostaria é de viver 300 anos, o que me permitiria ler quase 30.000 livros – uma boa conta... Nesses períodos li muito em português, francês e inglês, teatro grego e latino, geralmente em tradução francesa, e travei uma relação duradoura com Camões – escapei do martírio da análise lógica do ginásio, e pude ler, e não propriamente estudar Camões. Valeu a pena. Mas os outros grandes clássicos, principalmente Milton, confesso que não li, e gostaria, aliás, de saber se alguém nesta sala já leu. Dante só li em parte, e um dia talvez leia integralmente, mas é pouco provável. É que não deu ainda vontade, e ler por obrigação, de modo geral eu não leio. Foi a grande afinidade que senti com Montaigne, nos "Ensaio" em geral, e especialmente no ensaio sobre os livros, em que uma passagem me entusiasmou: "as dificuldades, quando as encontro, não me preocupam demais. Abandono-as depois de uma ou duas tentativas, pois se insistisse perder-me-ia e o meu tempo; meu espírito é de compreensão imediata. O que não entendo desde logo, entendo menos me obstinando. Não faço nada sem alegria".

Também nos anos 30 li Romain Rolland, Gide e Anatole France, autores que saíram de moda, mas injustamente, principalmente Romain Rolland. De Anatole France, e Gide, aliás, alguns livros ainda se podem ler com prazer.

Nos anos 40 li pela primeira vez a obra de Proust, que a princípio reneguei, por achar complicada demais, mas que me esforcei por ler a conselho de Tristão de Athayde, e que depois reli várias vezes, com intervalos de dez anos – cada vez uma leitura diferente. Estou agora, aliás, em plena releitura.

Aí, então, dos anos 40 aos 60, as leituras se espalharam – Stendhal, Thomas Mann, Balzac, Dickens, as "Mil e Uma Noites", Oscar Wilde, Rousseau, Voltaire, Tolstói, Dostoievsky, os contos de La Fontaine, Molière, Racine, o Dom Quixote de Cervantes, o Decameron de Boccaccio, Bernard Shaw, e os nossos: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, o romance nordestino, a primeira fase de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Lins do Rego, Rachel de Queiroz, além de Alencar, dos "Sertões" e de "Casa Grande e Senzala". E ainda poesia, muita poesia, que eu sempre gostei de ler em voz alta, com a sorte de minha mulher gostar de ouvir: Drummond, Bandeira, João Cabral, Cecília Meirelles, Vinícius de Moraes, Baudelaire, Verlaine, Keats, Byron, Shelley, Edgard Poe, Emily Dickinson – a lista é muito grande. Nos anos 50, devo destacar a leitura de Guimarães Rosa, porque, se em prosa temos muita coisa boa em nossa leitura, ele e Machado são a meu ver os maiores. Se por acaso alguém aqui presente ainda não leu um e outro, está perdendo um tempo precioso.

Sempre tive prevenção com os chamados "best sellers" – li alguns, por exemplo, nos anos 40, como "O Vento Levou", "Anthony Adverse", e outros, mas, de um modo geral, sempre preferi deixar que esses livros se sedimentassem, para só então enfrentar a leitura. É uma das poucas regras que adotei na vida, e em que faço muito poucas exceções.

Outra leitura importante dos anos 60 e 70 foi dos autores latino-americanos – Borges, Garcia Marquez, Vargas Llosa, Julio Cortazar e Octavio Paz, principalmente.

Também na década de 70 é que fui descobrir, com grande entusiasmo, dois autores que normalmente só são lidos na mocidade: Victor Hugo e Alexandre Dumas. Lembro-me de ter escandalizado um repórter quando assumi a Secretaria de Cultura, e disse que estava lendo "O Conde de Monte Cristo", que ele achava sub-literatura, o que é um absurdo. Foi um período delicioso: "Os Miseráveis", "Os Três Mosqueteiros", "Vinte Anos Depois", etc., etc. Na década de 80, uma grande descoberta foi do

"Memorial do Convento", e dos outros livros de José Saramago. Li ao mesmo tempo "O Nome da Rosa", mas o "Memorial" me entusiasmou muito mais. Também foi um ponto alto a obra de Pedro Nava, pois gosto muito de memórias.

E assim vai meu convívio com os livros. Falei só de leitura, e não falei de bibliofilia, pois isso me levaria muito longe, mas podemos falar sobre isso durante o nosso bate-papo, que espero que aconteça. Na realidade, a bibliofilia vai muito além do prazer da leitura, pois o contato com o livro tem muitos outros fatores. De todo modo, leitura e formação de biblioteca creio que, no meu caso, são um interesse central de vida. Deixei de mencionar muitos autores e muitas obras, que li e saboreei, bem mais numerosos do que os que mencionei. E ainda falta ler muita coisa boa, o que, em última análise, é uma sorte, pois se fosse possível ter lido tudo, seria uma desgraça. Agora meus caros, vamos conversar um pouco.